
A FIGURA DE POLICARPO QUARESMA: DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

Edilma Marinho Ribeiro
(Universidade Federal de Campina Grande)
Manuella Soares Jovem
(Universidade Federal de Campina Grande)
Orientadora: Prof^a Dr^a Fernanda Aquino Sylvestre
(Universidade Federal de Campina Grande)

RESUMO

Este trabalho propõe reflexões acerca do diálogo existente entre História e Literatura a partir da relação da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, com a narrativa de um fato histórico, a Revolta da Armada. Centrado mais especificamente na figura do protagonista, Policarpo Quaresma, desenhado sob o viés da caricatura e da ironia, são observados aspectos relacionados ao absolutismo do poder, vigente na época. PALAVRAS-CHAVE: literatura e história; Revolta da Armada; Policarpo Quaresma

ABSTRACT

This paper offers reflections on the dialogue between history and literature from the relationship of the work *Sad end of Policarpo Quaresma*, Lima Barreto, with a narrative of historical fact, the Revolt of the Armada. Focused more specifically on the figure of the protagonist, Policarpo Quaresma, designed under the bias of caricature and irony, are observed aspects of despotic power, existing at the time.

KEYWORDS: literature and history; Revolta da Armada; Policarpo Quaresma

O Brasil do final do século XIX e início do século XX passou por diversas transformações econômicas e políticas. Este período, posterior à abolição da escravatura, marca a Primeira República, impulsionada pelas classes média e militar, em que o poder absolutista, representado pela imagem do Marechal Floriano Peixoto, ganha ênfase. A República despertou as pessoas para a ambição do enriquecimento, trazendo ideais opostos aos da Monarquia, que prezava pela prudência. Contrária às intenções do Marechal Floriano de beneficiar o povo e o Exército, a Marinha resolveu rebelar-se, promovendo a Revolta da Armada, que durou de 1893 a 1895.

Essa transição de século também foi marcada por mudanças sociais e intelectuais e ficou conhecida como *Belle Époque*. Na França, teve como objetivo a adoção de um clima artístico e intelectual que pregava um novo modo de pensar e de viver o cotidiano.

No Brasil, a *Belle Époque* também pode ser sentida, sobretudo no Rio de Janeiro, como um sentimento de valorização do estrangeiro que tomou conta da cidade, causando desde mudanças em sua infraestrutura, até a abolição de valores nacionais. Os mais pobres foram expulsos de onde viviam e obrigados a se instalarem em favelas. A paisagem passa a ter uma maior proximidade com o cenário europeu a fim de transmitir elegância e moldes de civilização. Como bem observa Sevcenko, “a imagem do progresso – versão prática do conceito homólogo de civilização – se transforma na obsessão coletiva da nova burguesia.” (2003, p.43).

Toda e qualquer forma de cultura, ritos e costumes tradicionais foram retirados do calendário municipal: “O carnaval que se deseja é da versão européia, com arlequins, pierrôs e colombinas de emoções comedidas.” (SEVCENKO, 2003, p.47). O modo de vestir das pessoas também foi atingido, chegando-se à criação de uma lei que obrigava o uso do paletó e dos sapatos. A serenata foi aniquilada por ser associada à boemia e, por isso, vista como propícia aos “vagabundos”.

Todas essas mudanças, urbanas e sociais, ocorridas no Rio de Janeiro, afetaram as relações entre grupos tradicionais e grupos da burguesia. Estes foram tomados pela oposição a tudo o que transparecesse tradição e nacionalidade na elite da sociedade carioca. Sevcenko (2003, p.51) aborda, de maneira nítida e pertinente, essa inversão nas relações sociais da época presente nas palavras de um cronista da Revista *Fon Fon*, em circulação na cidade:

(...) Agora porém a cidade mudou e nós mudamos com ela e por ela. Já não é a singela morada de pedras sob coqueiros; é o salão com tapetes ricos e grandes globos de luz elétrica. (...) O nosso *smartismo* estragou a nossa fraternidade.

A partir da fala do cronista, presenciamos a quebra das relações sociais baseadas na fraternidade. A busca pela aproximação com o europeu desencadeou no carioca a intolerância diante daquilo que é originariamente brasileiro. É a partir desse contexto histórico que Lima Barreto escreve seu romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, levado ao público pela primeira vez em folhetins, entre agosto e outubro de 1911. Sua

primeira publicação em formato de livro se deu em 1915 pela Revista dos Tribunais. Segundo Marchezan (2003, p.183),

o folhetim, das primeiras décadas do século dezenove trazia nas suas narrativas fatalidades e peripécias e um enredo convencional. O romance, no final do século dezenove e início do vinte, ganhou uma nova preocupação: investigou as profundidades da criatura humana, o interior do homem.

Lima Barreto, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, desenha retratos da vida das classes menos privilegiadas, enfatizando as questões relativas ao absolutismo que reinava durante o governo de Floriano Peixoto. Seu personagem principal, Policarpo, retrata um homem com valores nacionais extremos e que, por essa característica de valorização da pátria, é caricaturado e ironizado.

A obra citada de Barreto está estruturada em três partes, cada uma contendo cinco capítulos. Na primeira parte, o escritor desenha o perfil de Policarpo Quaresma, descrito como um funcionário público exemplar e patriótico, interessado pelas coisas relacionadas ao Brasil: a música, a língua, o tupi guarani. Seu amplo conhecimento do país é produto dos inúmeros livros de geografia que leu.

Além disso, sua comida é tipicamente brasileira e as plantas que enfeitam seu jardim são todas nativas. Ainda nessa parte, Barreto mostra Policarpo como aluno de violão, contrário à visão negativa que o período denotava ao instrumento musical. O personagem nacionalista concebe o instrumento como símbolo da malandragem e da boemia. Seu amor à nação assume altas proporções, quando prepara um requerimento pedindo que o tupi passe a ser a língua oficial do Brasil, defendendo o fato de ser a referida língua natural dos índios, primeiros habitantes do país. Diante dessa atitude, passa a ser motivo de piada para os colegas de trabalho e acaba sendo internado num hospício.

A segunda parte da obra apresenta um Policarpo diferente, desiludido pela falta de compreensão por parte das pessoas. Em consequência dessa desilusão, refugia-se em um sítio que comprara com a finalidade de estudar o solo do local e provar que o solo brasileiro apresentava uma fertilidade superior ao das outras partes do mundo.

Na terceira parte, Lima Barreto revela um Policarpo mais envolvido com as questões políticas. Ao saber da ocorrência da Revolta da Armada, no Rio de Janeiro, ele decide abandonar seus planos relacionados à agricultura e ir para a cidade na intenção

de oferecer apoio a Floriano Peixoto – presidente do Brasil, na época. Essa decisão é proveniente da ideia de que uma nação deve ter seu governante respeitado e admirado. Para atenuar a defesa de Policarpo, BARRETO (1956, p.208) afirma: “Uns trapos de positivismo se tinham colado naquelas inteligências e uma religiosidade especial brotara-lhes no sentimento, transformando a autoridade, especialmente Floriano e vagamente a República em artigo de fé (...).”

Também é na terceira parte que se dá o “triste fim” de Policarpo. A morte vem amputar os seus sonhos nacionalistas. A desilusão e a angústia por não ter sido compreendido por uma nação na qual depositara seu sentimento e ideais de liberdade e de justiça são nítidos na seguinte passagem: “A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia.” (BARRETO, 1956, p.205 - 206).

Lima Barreto escreve seu romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* sobre o viés da caricatura e da ironia. Segundo Eça de Queiroz (2000, p.633), “A caricatura é o espelho que engrossa as feições e torna os objetos mais salientes”. Toda a obra de Barreto é composta por personagens desenhados sob esses aspectos, mas merece destaque o estudo específico acerca de Policarpo Quaresma e, conseqüentemente, da própria narrativa: “Policarpo, nos seus traços grossos e no exagero expressivo da sua caricatura, espelha e acentua a diferença entre aquilo que é do homem, daquilo que é do seu papel social.” (MARCHEZAN, 2006, p.186).

O fato de ser um nacionalista extremo e radical faz com que Quaresma cometa exageros, não só em relação ao seu modo de pensar, mas em relação ao desejo de colocar suas idéias em prática. A tentativa de defender o tupi guarani com a língua oficial do Brasil demonstra certo grau de incompatibilidade com as regras sociais que norteiam uma nação.

A partir do que foi relatado, podemos fazer uma ponte com o período pelo qual passava o país. A figura do índio, tomada pelos Românticos como símbolo natural do Brasil, passava por uma descentralização proporcionada pelo momento social e político que pregava o progresso, totalmente contrário à imagem selvagem do nativo. Sevckenko, em *Literatura como missão: Tensões sociais e Criação cultural na Primeira República* (2003, p.51) cita o trecho de um texto produzido por um cronista do *Jornal do*

Comércio do Rio de Janeiro acerca do sentimento de civilização no qual a cidade estava mergulhada. Ao final, o homem confessa: “A figura do índio nos perseguia com a tenacidade do remorso. (...) Broncas sílabas tupis pingaram, enodoando o primor das línguas educadas.”

Podemos inferir que Policarpo Quaresma viveu no período histórico errado. O prazer de ser brasileiro e a valorização do índio deram lugar ao desejo de ser cada vez mais parecido com o estrangeiro. O nacionalismo vivenciado nos séculos anteriores, sobretudo na época do descobrimento, foi sendo substituído pela civilização experimentada pelo Rio de Janeiro com a introdução da *Belle Époque*, no final do século XIX – período em que a obra *Triste fim de Policarpo Quaresma* foi escrita, baseada nos moldes europeus de transformações sociais, econômicas e comportamentais.

Um aspecto nítido desse período foi a negação de valores nacionais, como a música. Por refletir a nacionalidade, o violão foi proibido no cotidiano carioca, pois representava a boemia de grupos considerados vagabundos. Mesmo assim, Policarpo resolve aprender a tocar violão com o amigo Ricardo Coração dos Outros. A ironia de Lima Barreto está presente também nesse fato, pois marca um personagem totalmente contrário a seu tempo.

Também relacionada a essa questão está a oposição entre o real e o ideal. Este, proposto por Quaresma, choca-se com aquele, do qual não se pode fugir ou esconder-se. Por isso, ele torna-se um homem ingênuo, decorrente do fato de não atentar para as dimensões políticas e acaba cometendo erros e vivendo de maneira trágica. Policarpo sofre com as consequências de seus erros sem desistir de lutar por uma nação orgulhosa do que representa e é, na realidade. Ele recebe a defesa do narrador que, onisciente, o descreve como “doce, bom e modesto (...). Ele não tinha nenhuma pretensão a sábio (...).” (BARRETO, 1956, p.93).

Como forma de deixar a caricatura de Quaresma ainda mais evidente, Lima Barreto atenua a ironia ao mostrar Policarpo como um servidor de Floriano, que a este devia honrarias, pela importância do Marechal. Este fato serve para mostrar também a fragilidade de um cidadão patriótico que, diante da afirmação do Marechal, que o acusa de “visionário”, sente-se desiludido e angustiado: “Ninguém compreende o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir, passo por doido, tolo, maníaco e a vida se vai fazendo

inexoravelmente com a sua brutalidade e fealdade.” (BARRETO, 1956, p.270). Outra inversão de conceitos e de papéis sociais, relacionada à prisão do personagem, reflete o erro de prender um cidadão disposto a lutar por um país mais justo, onde a liberdade seja plena, contrariando qualquer forma de opressão.

Para Marchezan (2006, p.187), “Na caricatura de Lima Barreto, o pensamento livre é loucura e tem o seu lugar na masmorra”. Tal afirmação nos remete à lógica do resultado da loucura que atingiu Policarpo Quaresma. Aliás, “a agitação de uma idéia não repercute na massa e quando esta sabe que se trata de contrariar uma pessoa poderosa, trata o agitador de louco.” (BARRETO, 1956, p.48). A loucura do personagem é caricaturada e parte de um único indivíduo para representar algo maior: a nação brasileira, que agrega “acompanhadores de procissão, que só visam lucros ou salários nos pareceres.” (BARRETO, 1956, p.48).

Diante do exposto, encontramos, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, elementos que retratam a própria história do Brasil, partindo de uma crítica política e social do modelo de poder adotado na Primeira República brasileira. Segundo Marchezan (2006, p.189), “o romance, para Lima Barreto (...) faz-se instrumento de ação; é histórico, cronístico, panfletário; uma narrativa apressada.”.

É nesse ambiente histórico que se desenha toda a narrativa, oferecendo elementos para compreendermos não só a história do Brasil, mas a literatura de Lima Barreto, carregada de ironia e caricaturada. Barreto tinha os olhos voltados para o desmascaramento da vida cotidiana da burguesia e para criticar a realidade brasileira. Os movimentos históricos, as relações sociais e raciais também tiveram lugar em suas obras. Nelas também são encontrados os mais variados tipos de retratos da sociedade: grandes, médios e pequenos burgueses, operários, violeiros, mendigos, burocratas, políticos, “solteironas”, por isso Sevcenko (2003, p.192) afirma que “todas as personagens trazem a marca do seu meio e constituem o objeto da crítica do autor”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense. 1956.

-
- MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. *O dito por Lima Barreto no modo errático de pensar e viver de Policarpo Quaresma*. In: _____. *Literatura e política brasileira no século XX*. Tellarolli, Sylvia Del Vecchio, Angelo (org.). n. 1. 2006. Cultura Acadêmica Editora.
- MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Cultrix. 1998. p.214 – 215.
- QUEIROZ, E. *Sobre a caricatura*. In: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000b. v. 3, p.632 – 634.
- Revolta da Armada. Disponível em: <http://www.naufragiosdobrasil.com.br>. Acessado em: 28/08/2010.
- Revolta da Armada. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br>. Acessado em: 28/08/2010.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e Criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.